



## Com bell hooks, um aprendizado para o ativismo e a experiência vivida

*With bell hooks, learning for activism and living experience*

*Avec bell hooks, un apprentissage pour l'activisme et l'expérience vécue*

Raisa Inocêncio<sup>1</sup>

Université de Toulouse Jean Jaurès (UT2J)

### RESUMO

Neste artigo apresento uma análise de seus textos como metodologia aplicada na pesquisa teórica na descolonização do pensamento e no aprofundamento como artista e militante. A descolonização do pensamento aqui é então a tomada de consciência e atenção a experiência vivida de maneira antirracista, antissexista e anticolonial. Apreendemos como “pesquisadora e professora” e como a pessoa (sujeito) e a postura política, ética e afetiva. Depois de lermos bell hooks, apresento duas práticas, uma inscrita na minha experiência vivida sobre o estágio de *artivismos para descolonizar* da escola Otra Tierra, em Marselha (França) e a minha primeira professora, Rita Inocêncio, minha mãe, que é acompanhado por um relato sobre minha família. Ambos os relatos compõem a narrativa dos aprendizados de força vital, liberdade e de esperança, palavras ressignificadas por bell hooks e que são, finalmente, nosso leitmotiv.

**Palavras-chave:** Metodologia teórico-prática; Filosofia Estética Decolonial; Artivismos; Experiência Vivida.

### ABSTRACT

In this paper I present an analysis of her texts as a methodology applied to theoretical research in decolonizing thought and deepening as an artist and activist. Decolonization of thought here is then the awareness and attention to lived experience in an anti-racist, anti-sexist, and anti-colonial way. We seize as "researcher and teacher" and as the person (subject) and the political, ethical, and affective stance. After reading bell hooks, I present two practices, one inscribed in my lived experience on the activism internship to decolonize the Otra Tierra school in Marseille (France) and my first teacher, Rita Inocêncio, my mother, who is accompanied by an account about my family. Both accounts compose the narrative of the learnings of life force, freedom, and hope, words resonated by bell hooks and that are, finally, our leitmotiv.

**Keywords:** Theoretical-practical methodology; Decolonial Aesthetic Philosophy; Activisms; Lived Experience.

### RÉSUMÉ

Dans cet article, je présente une analyse de ses textes comme méthodologie appliquée dans la recherche théorique de la décolonisation de la pensée et dans l'approfondissement en tant qu'artiste et activiste. La décolonisation de la pensée est donc ici la prise de conscience et l'attention à l'expérience vécue d'une manière antiraciste, antissexiste et anticoloniale. Nous nous saisissons en tant que "chercheur et enseignant" et en tant que personne (sujet) de la position politique, éthique et affective. Après avoir lu bell hooks, je présente deux pratiques, l'une inscrite dans mon expérience vécue sur le stage d'artivisme pour décoloniser l'école Otra Tierra à Marseille (France) et ma première enseignante, Rita Inocêncio, ma mère, qui est accompagnée d'un récit sur ma famille. Les deux récits composent le récit des apprentissages de la force de vie, de la liberté et de l'espoir, mots mis en résonance par bell hooks et qui sont, finalement, notre leitmotiv.

**Mots-clés:** Méthodologie théorique et pratique; Philosophie esthétique décoloniale; Artivismes; Expérience vécue.

---

<sup>1</sup> Artista, produtora cultural e doutoranda em Filosofia pela Universidade de Toulouse. <https://orcid.org/0000-0002-7520-5436> Endereço eletrônico: [inocencio.raisa@gmail.com](mailto:inocencio.raisa@gmail.com)

## Introdução

A proposta deste artigo é trazer, dentro do campo dos estudos descoloniais, uma parte da metodologia no entendimento que bell hooks traz como pedagogia crítica, no embate específico antirracista e antissexista. O relato de suas experiências como parte de uma tomada de consciência pela escrita ela mesma da pesquisa e, no nosso caso, da prática artística são um espelho metodológico de ambos os espaços, de sala de aula e de relação social, afetiva e política. Sendo assim, bell hooks transforma o legado metodológico, que menciona Paulo Freire e sua própria experiência vivida (HOOKS, 2013, p. 45) na inclusão de uma prática de ensino teórica, militante e afetiva.

Proponho uma descolonização e a conscientização de um processo que não se separa entre espaço público e privado, porque toma a prática como ética no trato da vida. Arrisco trazer essas palavras, porque não somente de conceitos e esquemas teóricos vamos trazer, mas a de ensinar com um vocabulário afetivo que também se entrelaça com relatos de experiência vivida.

Quando tratamos da experiência vivida, antes de adentrar na narrativa teórica e afetiva deste artigo, é preciso primeiramente não me separar do respeito em relação ao aprendizado, não somente à bell hooks, mas também de todas as pessoas que são professoras, especialmente, mulheres, mães (solos ou não, parideiras ou não), negras, racializadas e brancas. Que estão neste *front* de emancipação social, global, multicultural, pela conscientização e que aqui são homenageadas. Deste coletivo invisível de educadores e presentes que ocupam o espaço público fazendo todo santo dia uma pedagogia popular.

Para este legado rendemos homenagem, porque é sobretudo uma metodologia de engajamento. Palavra vulgarizada pela internet e que pode ser problematizada porque esvaziada, mas que significa o *élan* de conexão coletiva. Boa parte do que chamamos ativismo ou militância é costurada por esse engajamento social que transmite uma educação e um modo de ser/estar politizado. Podem ser julgadas caricaturas de uma ingenuidade, mas com o apoio teórico de outras autoras descoloniais (LUGONES, 2014; ANZALDÚA, 2000) que fazem da escrita relatos de experiência vivida e diálogo direto com o leitor, se pode



afirmar uma legitimidade e coerência possível para o texto, inclusive o acadêmico, de falar da experiência vivida.

E, se nos concentrarmos somente em bell hooks, ser sujeito crítico no ensino e no ativismo é, antes de tudo, ter consciência da cultura de dominação pela interseccionalidade de opressões entre classe, raça e gênero e, no entanto, não se furtar a falar de categorias importantes, muitas vezes entendidas como sentimento, como o amor (2021; 2013; 2000).

Contando histórias pessoais, bell hooks passa o aprendizado lendo a sua própria trajetória tanto dentro de si e de casa quanto como professora. Seja na escola ou na rua, ela dá a possibilidade de transmitir saberes e um modo de vida sustentável e afetivo. Espaço público que não está ausente de práticas violentas de racismo e sexismo ordinários, por isso um trato afetivo que se assume como dispositivo teórico para uma defesa e cura da ferida patriarcal, colonial e capitalista. Tento contar com palavras simples que é sobre este aprendizado que vamos tratar.

Isso é possível também porque bell hooks além de teorizar sobre as violências ordinárias do machismo e sexismo patriarcais (2019) e da prática libertadora de ensino (2013; *apud* FREIRE, 2014), ela falou de afeto, de *eros* (o amor) como força vital, ela contou suas próprias histórias. Possibilitando a construção de territórios educativos e existenciais, bell hooks é a autora que dentro de sua prática pedagógica comenta noções do cotidiano, não separando a esfera do ensino da esfera da convivência cotidiana.

Em um combate a cultura de massa de dominação, a escrita toma assim um espaço de cuidado se colocando a falar de si e os dilemas e problemas comuns. O que nos tocam, por exemplo, em *Ensinando para a comunidade* de quando ela passou por uma crise nervosa (*burn-out*) e a decisão de passar dois anos sabáticos (HOOKS, 2003, p. 13). Assim, recontando sobre si mesma, nesta e muitos outros relatos, ela afirma uma segurança existencial, de autoconsciência e autonomia, porém nunca esquecendo o porque de estar escrito ali e dessa maneira. Seu rigor acadêmico toma uma espantosa espontaneidade sobre os afetos e a sua relação com o Outro, sabendo ser a sala de aula o espaço público de palavra, de ideia e conhecimento.

Mas como é que a gente sabe que existe essa reciprocidade de afetos? Uma vez que *ganhamos o mundo*, como é que a gente confia? Como saber se estamos vivendo um espaço

de existência e/ou de cuidado, ou se é mais uma vez a desconfiança ou a tentativa de uma (micro ou não) agressão? Como ensinar a nós mesmos a justiça (ou o desejo de justiça)?

Sabemos ser complexo a tomada de consciência do sujeito e, no caso, de professores e estudantes a negociação acadêmico-teórica com nossa realidade – muitas vezes precária. Mas sem se impedir de continuar pela resiliência ou resistência (outras palavras tão esvaziadas quanto o engajamento como élan do coletivo), sobre o amor, bell hooks toma consciência primeiro pelo compromisso, de si, para si e com o “Outro”. O olho-no-olho e as escolhas de quem amar. Em *Tudo sobre o amor*, hooks aponta: “O amor genuíno é a base do nosso compromisso conosco próprio, com a família, com os amigos, com os parceiros, com todas as pessoas que escolhemos para amar” (HOOKS, 2000, p. 91, tradução nossa).

Por isso que é evidentemente difícil não terminar falando de que o erotismo é primeiro uma tomada de consciência, onde o diálogo pedagógico tem de retratar a experiência vivida, sem reproduzir o *status quo* do racismo e sexismo ordinário. Sem reproduzir a exclusão dos espaços, inclusive, existenciais.

Para que não sejam palavras ao vento, propomos primeiro uma leitura de alguns textos de bell hooks. Como o livro “Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade” (HOOKS, 2013), principalmente, nos primeiros capítulos e no decimo terceiro “Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico”, também seus livros “Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo” (HOOKS, 2014), “Olhares Negros: raça e representação” (HOOKS, 2021), “Ensinando para comunidade: uma pedagogia da esperança” (HOOKS, 2021) e “Tudo sobre o Amor: novas perspectivas” (HOOKS, 2021). Citando apenas alguns de seus textos, nos concentramos em revelar de maneira não exaustiva como bell hooks conseguiu atravessar os espaços, com todos os paradoxos, possibilitando dialogar um espaço possível de convivência e afetividade.

A segunda parte se dedica a apresentar duas práticas, em que são exemplos não exaustivos de onde o pensamento de bell hooks pode ser um espelho, engajado e afetivo. A primeira é do trabalho da escola Otra Tierra com a oficina “Artivismos para Descolonizar”, realizada em Marselha (França), em março de 2021, que durou uma semana com uma “saída de residência” em ações no espaço público, ou seja, na rua. Terminei este artigo pela



experiência vivida pessoal, por minha formação cotidiana de pedagogia e de experiência vivida, com as educadoras cotidianas, digo, a professora de Filosofia de uma escola pública em Fortaleza, Ceará, Rita de Cassia Inocêncio, minha mãe e, em seguida, a minha família.

### 1. bell hooks, a sala de aula e a ocupação do espaço público: pela força vital de conscientização e emancipação social

Mas a militância é uma alternativa à loucura.  
E muitos de nós estamos diariamente entrando no reino da loucura  
(HOOKS, 2015, p. 6, tradução nossa).

Quando lemos essa epígrafe, presente no livro *Olhares Negros: raça e representação*, primeiro perguntamos: em que consiste esta loucura que muitos entre nós caem e que o chamado ao ser ativista responde como alternativa? Como nomearmos esta sistemática cultura que nos ensina à nos autonegar, à nos autossabotar? Como estar atento à exotização que pode parecer valorização?

Com bell hooks, podemos afirmar que a cultura de dominação é o que vamos denominar como fonte criadora interseccional dessas opressões. Enquanto pensadora, fazemos de um tudo que o pensamento seja prática de existência (na rua e na sala de aula) e que ele seja transmitido e aplicado em igualdade de raça, classe e gênero. Mas antes deste espaço de cuidado e defesa, o que estamos combatendo? Em termos explícitos trata-se da cultura de dominação que joga com os afetos, como o desejo ou o desespero, para criar também situações ilusórias de liberdade, assim bell hooks descreve em *Olhares Negros*:

Uma cultura de dominação exige de todos os seus cidadãos autonegação. Quanto mais marginalizada, mais intensa é a demanda. Como as pessoas negras, especialmente os de classe inferior, são bombardeadas por mensagens que não temos valor, não é de se admirar que caiamos em desespero niilista ou em formas de vício que proporcionam uma fuga momentânea, ilusões de grandeza e liberdade temporária da dor de enfrentar a realidade. (HOOKS, 2019, p. 62)

Sabendo que as pessoas negras e racializadas, com dissidência ou não de gênero, são os primeiros alvos de uma exclusão pela criação da categoria do “Outro” (HOOKS, 2015, p. 6). Que se revelam no cotidiano pela imagem e identidade do “diferente”, fazendo parte de

uma sistemática exclusão, também inserida a uma economia de privilégios ou não. Isso inclui o acesso aos direitos e a mercantilização dos seres como objetos de desejo, por exemplo.

Uma vez que a categoria do Outro é um dispositivo teórico-prático em resistência, porque a alteridade também pode ser utilizada como propaganda de uma experiência com o Outro que sai das amarras morais, ou seja do que é estabelecido pela cultura de dominação e, neste caso especificamente, da branquitude. Porque se vende uma experiência, que adentra o perigo e a postura “excitante” do conquistador. Por outro lado, o Outro que aceita ser objetificado “ganha” uma sensação de acolhimento existencial, uma vez que ele está temporariamente “aceito”<sup>2</sup>.

Na sua interdisciplinaridade em que sincretiza diferentes abordagens, para compreender que a cultura de dominação também é vasta e diversa, bell hooks se insurge inclusive os estudos sociológicos e culturais, sobre quando ela, no livro *Ensinando comunidade*, comenta o quanto a cultura de massa é um instrumento também de dominação (HOOKS, 2021, p. 29-34), uma vez que a cultura de dominação passa forçosamente por um sistema de propaganda que reforça as práticas de invisibilização. Invisibilização que começa por práticas de colonizar por um racismo e sexismo que tomam “a mente e a imaginação de pessoas negras é a vergonha sistemática. O principal veículo para esse sentimento é a grande mídia” (HOOKS, 2021, p. 112).

A branquitude tolera, mas não integra efetivamente nos espaços sociais, porque ela é feita desde o seu interior para excluir, explorar e competir. A exploração é contínua, num sentido determinado a coisificação do Outro. Das operações psicossociais da dominação, de como falamos da exotização do objeto de desejo, neste sistema competitivo, o único que ganha é o homem branco, porque é feito de um a priori: o dele. bell hooks afirma:

A comodificação da Outridade tem sido bem-sucedida porque é oferecida como um novo deleite, mais intenso, mais satisfatório do que os modos normais de fazer e de sentir. Dentro da cultura das *commodities*, a etnicidade se torna um tempero, conferindo um sabor que melhor o aspecto da merda insossa que é cultura branca dominante. Tabus culturais acerca da sexualidade e do desejo são transgredidos e tornados explícitos conforme a mídia bombardeia as pessoas com mensagens de

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, o que Fanon escreve no cap. 4 “a síndrome de dependência do colonizado”, *Pele Negra Mascaras Brancas*, Salvador: UFBA. 2008



diferença que não estão mais baseadas na premissa supremacista branca de que ‘as loiras se divertem mais’. A ‘verdadeira diversão’ é trazer à tona todas aquelas fantasias e desejos inconscientes ‘obscenos’ associados ao contato com o Outro, incrustados na estrutura profunda secreta (nem tão secreta) da supremacia branca. (...) Certamente do ponto de vista do patriarcado capitalista supremacista branco, a esperança é que os desejos pelos ‘primitivos’ ou fantasias sobre o Outro possam ser continuamente explorados, e que tal exploração ocorra de uma maneira que reforce e mantenha o status quo. Se o desejo pelo contato com o Outro, pela conexão baseada no anseio pelo prazer, pode agir ou não como um ato de intervenção crítica que desafia e subverte a dominação racista, convidando e possibilitando a resistência crítica, essa é uma possibilidade política que ainda não foi realizada. Jovens de quaisquer outras cores que não saibam como se aproximar do Outro, nem como entrar em contato com o ‘primitivo’, encontram a promessa do caminho numa cultura consumidora. É dentro do reino comercial da publicidade que o drama da Outridade encontra uma expressão. Encontros com a Outridade são claramente marcados como mais excitantes, mais intensos e mais ameaçadores. O fascínio está na combinação de prazer e perigo. No mercado cultural, o Outro é codificado como quem tem a capacidade de ser mais vivo, guardando um segredo que permite a quem ousa e se aventura romper com a anedonia cultural e experimentar a renovação sensual e espiritual (HOOKS, 2021, p. 66, 73).

Entre a intimidação e a hiperssexualização ordinárias, numa instância mais explícita, esta objetificação do desejo do Outro explica a exploração sexual das mulheres negras e racializadas. Desde um histórico da escravização à exploração da nudez como Sarah Baartman e Joséphine Baker<sup>3</sup>, bell hooks confirma as construções dos mitos psicossociais que vão estabelecer o racismo e sexismo, que vão inscrever ferida como desejo, também na dominação sexual. No texto “Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo”, ela fala:

A desvalorização da natureza feminina negra foi um consciente e deliberado esforço por parte dos brancos para sabotar a subida da autoconfiança e autorrespeito das mulheres negras. No “Black Woman in White America” (mulher negra na América branca), Gerda Lerner discute o “complexo sistema de apoio aos mecanismos e de sustentação de mitos” estabelecido pelas mulheres brancas e homens para encorajar a exploração sexual das mulheres negras e para assegurar que nenhuma mudança iria ocorrer no seu estatuto social: “Um desses foi o mito da mulher negra “má”. Assumindo a diferença de nível de sexualidade para todos os negros diferente dos brancos e mistificando a sua grande potencialidade sexual, a mulher negra pode ter sido feita para personificar a liberdade sexual e o abandono. O mito foi criado para todas as mulheres negras em serem ávidas de exploração sexual, voluntariamente “perdidas” na sua moralidade e, por isso, mereciam nenhuma consideração e respeito garantido às mulheres brancas. Todas as mulheres negras eram, por definição, putas de acordo com esta mitologia racista; assim, assaltá-las e explorar a

<sup>3</sup> Será mais bem aprofundado na tese de doutorado (Diga-me Vénus: por que caçam as mulheres?, defesa prevista para 2023, orientação de Jean-Christophe Goddard e Hourya Bentouhami Molino) como figuras estéticas descoloniais, os quais bell hooks cita Sander Gilman (1985) como referência do tema.

sua sexualidade não era repreensível e sem nenhuma das normais e comuns sanções contra tais comportamentos (HOOKS, 2014, p. 43-44).

Na sua diversidade textual e imensa contribuição ao pensamento, trazemos em conexão aos seus textos pedagógicos, o livro *Olhares Negros*, porque bell hooks desde esse ponto de vista histórico comenta como a criação da categoria do Outro vai também influenciar a indústria da beleza, não separando os fatos históricos dos seus efeitos atualizados pela propaganda capitalista, que reduz as pessoas negras e não brancas à objetos de consumo do desejo. Segundo bell hooks:

De acordo com análises pós-modernas da moda, esta é uma época em que as mercadorias produzem corpos (...). No ensaio 'Moda e a lógica cultural da pós-modernidade', Gail Faurshou explica que a beleza não é mais vista como uma 'categoria estabelecida de cultura pré-capitalista'. Em vez disso, 'a colonização e a apropriação do corpo como sua própria máquina de produção/consumo no capitalismo tardio é um tema fundamental da socialização contemporânea'. Esta mudança cultural permite que os corpos das mulheres negras sejam representados em certos domínios da 'beleza' onde eles já tiveram sua entrada recusada, como nas revistas sofisticadas de moda. Reinseridos como espetáculo, mais uma vez em exposição, os corpos das mulheres negras que aparecem nestas revistas não estão lá para documentar a beleza da pele escura, dos corpos negros, mas sim para chamar a atenção para outras preocupações. São representados para que os leitores percebam que a revista é racialmente inclusiva, ainda que suas matérias com frequência distorçam esses corpos, contorcidos em posturas estranhas e bizarras que fazem as imagens parecerem monstruosas e grotescas. Elas parecem representar um antiestético, que zomba da verdadeira ideia de beleza. Considerando a terminologia racializada evocada (...), pode-se concluir que, quando a pele é exposta em trajes usados para evocar atração sexual, a modelo que os veste não é branca. De acordo com a mitologia sexual/racista a teria, ela corporifica o melhor da mulher negra selvagem, temperada com elementos de branquitude que suavizam esta imagem, conferindo uma aura de virtude e inocência. Na imaginação pornográfica racializada, ela é a combinação perfeita da virgem e da puta, a sedutora perfeita (HOOKS, 2019, p. 145-147).

Porque ao criar o Outro, se apropria em termos e gestos, inclusive nas relações afetivas, o que se segue na leitura dos textos de bell hooks é seu entendimento de como a força vital erótica e a prática de diálogo, juntas formam uma identidade e uma contextualização da sala de aula como modo de expressão.

Uma vez tomada a consciência da qual bell hooks chama de militância e conscientização, da compreensão que o racismo e sexismo se propaga por uma atualizada criação e exploração do Outro como objeto de propaganda erótica, o processo educativo é





abrir espaços para se gerar ética afetiva, nomeadamente, sentimentos de amor e eros como força vital. O primeiro desejo, portanto, é o da insurgência:

Quando comecei o curso de graduação na Universidade de Stanford, me fascinei pelo processo de me tornar uma intelectual negra insurgente. Fiquei surpresa e chocada ao assistir a aulas em que os professores não se entusiasmavam com o ato de ensinar, em que pareciam não ter a mais vaga noção de que a educação tem a ver com a prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 13)

Resumindo, este processo de tomada de consciência, de pensar/sentir a educação como atividade criadora de liberdade, em bell hooks a consequência é também a atividade criadora de uma autoestima saudável. Com bell hooks, o saber é conscientemente guiado do papel do professor em combater as políticas de “intimidação”, sabendo ser integrantes da cultura de dominação, assim os alunos: “se recuperam apenas quando se esforçam para sair da humilhação, apenas quando há professores progressistas que lhes dão espaço para sentir a vergonha, expressar seus sentimentos e passar pelo processo de cura” (2021, p. 119). No livro “Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade” (2013), ela comenta sobre suas práticas pedagógicas:

Minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialistas, crítica e feminista. Esta mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual se pode trabalhar. Transpondo as fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades nos currículos que reforçam sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo), ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de ensinar diversos grupos de estudantes. O ensino é um ato performativo. E é esse aspecto de nosso trabalho que oferece o espaço para mudanças, invenções, turnos espontâneos, que podem servir como um catalisador para extrair os elementos únicos em cada sala de aula. Para abraçar o aspecto performativo do ensino, somos obrigados a envolver "audiências", a considerar questões de reciprocidade. Os professores não são artistas no sentido tradicional da palavra, pois nosso trabalho não é para ser um espetáculo. No entanto, ele deve servir como um catalisador que chama todos a se envolverem cada vez mais, a se tornarem participantes ativos no aprendizado (HOOKS, 2013, p. 20-21).

O fato de bell hooks ter conseguido dar aulas em “grandes escolas” e em escolas periféricas a possibilitou entender as diferentes dinâmicas de poder. Inclusive com as dificuldades de um sistema educativo pautado na concorrência, na competição e de como ela percebeu as dinâmicas de poder de quando alguns professores e estudantes a espionavam ou

inseridos neste sistema competitivo deturpavam seu trabalho (2021, p. 13). Sabemos o quão árduo é estar inserido no lugar de professor, acadêmico ou não, que existe uma privatização e modo de trabalho concorrencial, que se disputa os lugares de fala como os privilégios, ainda nas palavras de bell hooks:

A academia não é um paraíso. Mas a aprendizagem é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós mesmos e de nossos camaradas, uma abertura de espírito e coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isto é educação como a prática da liberdade (HOOKS, 2013, p. 273).

Assim tentamos entender a questão: por que não se fala de Eros em sala de aula? Por que é um tabu falar de *Eros* (2021, p. 144)? Porque a sexualidade é também dispositivo de uso e de jogos de poder. No Ensinando para a Comunidade: uma pedagogia da esperança, bell hooks conta os clichês de usos e abusos de poder entre professores (majoritariamente homens) e alunas, como também as dinâmicas que podem recair sobre professores que decidem sair com alunas, sem pensar nas consequências de não assumir uma relação ou de não saber lidar com a própria humanidade. Assim mais uma vez bell hooks responde a essa problemática:

Elas podem começar com o consentimento mútuo, mas isso não garante que não venham a ser conflituosas, que a parte mais poderosa não possa se tornar coerciva ou abusiva. Isso se aplica a todas as relações na vida. O poder deve ser negociado. Parte do processo de amadurecimento é aprender a lidar com o conflito. Muitos casos de exploração envolvem estudantes de pós-graduação e professores. É difícil acreditar que qualquer estudante de pós-graduação não esteja plenamente consciente dos riscos quando se envolve eroticamente com um professor que tem algum nível de controle sobre sua carreira. Ao mesmo tempo, sexismo e misoginia precisam ser vistos como fatores atuantes sempre que um professor poderoso do sexo masculino direciona sua atenção a alunas extremamente inteligentes que poderiam com facilidade se tornar suas concorrentes (HOOKS, 2021, p. 165).

Com bell hooks, é preciso trazer que esse render em silêncio carrega dentro uma tradição do pensamento ocidental que separa o “corpo” da “alma” (HOOKS, 2013, p. 253). Somos educados para negar o corpo e a corporeidade, sobretudo se o corpo não é branco ou não se integra a branquitude.



Partindo dessa primeira afirmação sobre o corpo e o *Eros* na relação da prática do ensino, na negociação dos paradoxos de poder e/ou dos efeitos colaterais do racismo e sexismo estrutural, bell hooks conta como para ela foi um espanto quando ela descobriu as barreiras com o corpo, desde, por exemplo, a vontade de ir ao banheiro (HOOKS, 2013, p. 253) e as experiências vividas com seus alunos, desde o aluno que a ressentia como rude ao desconforto ainda separado de corpo e espírito de ouvir sua aluna falar como o seu curso tinha mudado sua vida (2013, p. 258)

Qual é então o lugar das paixões na prática de ensino? Como não confinar o *Eros* ao lugar do “sexual”? Para terminar esta leitura em bell hooks, de como evitamos o “espírito desencarnado/desincorporado” (*disembodied spirit*), citando Adrienne Rich e o relato de uma vez que um aluno seu chegou atrasado, um pouco afobado porque não queria perder a aula e respondendo que sua aula era como dança e que ele amava dançar (HOOKS, 2013, p. 260). Por isso, para terminar o quão é importante falar de *Eros*, de desejo, de como nossa força vital é mercantilizada e, em diferentes dinâmicas, hiperexplorada ou infantilizada, sobretudo para as mulheres negras e racializadas:

Um dos princípios centrais da pedagogia crítica feminista é a insistência em não ativar a cisão entre mente e corpo. Essa é uma das crenças subjacentes que fizeram dos Estudos da Mulher um dos locais de subversão na academia. (...) A educação feminista para a consciência crítica está enraizada na suposição de que o conhecimento e o pensamento crítico feitos na sala de aula devem informar nossos hábitos de ser e formas de viver fora da sala de aula. Como muitas de nossas primeiras aulas foram realizadas quase exclusivamente por estudantes do sexo feminino, foi mais fácil para nós não sermos espíritos desencarnados na sala de aula. Ao mesmo tempo, esperava-se que transmitíssemos a nossas alunas uma qualidade de carinho e até de ‘amor’. *Eros* estava presente como uma força motivadora em nossas salas de aula. (HOOKS, 2013, p. 256-257)

Assim, bell hooks, que também foi artista, poeta e ensaísta, nos mostra que podemos cruzar a arte como ativismo e o ativismo como a arte, sendo o que ela nunca teve problema em assumir: o de ser uma persona intelectual e pública. Com bell hooks, se ativa um entrelaçar de sonhos e discurso, entre o ético e o poético, entre o imaginar e o realizar e assim, entre o ser político e o ser artista (HOOKS, 2021, p. 199): “Quando ingressei no meio acadêmico, pensando em mim antes de tudo como artista (poeta, pintora, escritora), investi na carreira em educação como hobby. Meu desejo era criar arte”.

## 2. Artivismo como prática de pedagogia popular: a oficina Artivismos para descolonizar em três ações no espaço público de Marselha

A descolonização com a prática artística toma o olhar examinando a história da violência colonial de maneira a pensar o corpo e sua ocupação no espaço público. Para ativar esta corporeidade e a experiência vivida gostaria primeiramente trazer um relato sobre a oficina *Artivismos para descolonizar*, trabalho de Nirlyn Seijas e Melissa Proaño, com organização da escola Outra Tierra<sup>4</sup>. Sendo uma primeira prática que converge a ser lida como experiência do que bell hooks fala em seus escritos. Um primeiro motivo de expor práticas artísticas é para confirmar um necessário posicionamento político e des-invisibilizar as redes de afeto e conexão que são atuais e atuantes no combate a cultura de dominação racista e sexista. Por mais que eu também tenha experiência de ensino, na França e no Brasil, trago este recorte, por acreditar que as práticas artísticas de ocupação do espaço público são fundamentais para uma pedagogia popular. Segundo a apresentação da oficina:

Como as artistas e intelectuais feministas latino-americanas responderam aos problemas que as aprisionam? Quais são estes problemas principais? Como podemos nos basear nestas estratégias artísticas para orientar nossas lutas globais atuais? A oficina em artivismos feministas latino-americanos é um espaço para informar, discutir e reativar práticas artísticas e intelectuais que têm denunciado sistematicamente questões como colonialidade, gênero e racismo, violência doméstica e estupro, necropolítica e novas formas de guerra. Tais práticas podem ser entendidas como artivismos que interessam e inspiram as mulheres em suas lutas globais. A ideia desta oficina, entretanto, não é apenas observar passivamente estas denúncias, mas tomar suas estratégias criativas e recontextualizá-las em nosso tempo e território, a fim de ecoar e aprender com estas abordagens. (SEIJAS; PROAÑO, 2022)

Uma vez que o pensamento crítico ocidentalizado separa natureza da cultura, tentando justificar a exploração dos corpos e dos recursos como parte integrante do progresso, para descolonizar é preciso primeiro romper com a dicotomia ou binarismo: profano/sagrado; como já dito natureza/cultura; masculino/feminino; sensível/inteligível e etc. Essa dicotomização separa as ideias – inclusive inconsciente ou conscientemente – em “caixas”

<sup>4</sup> **Otratierra, Escola de Artivismos.** Disponível em: <https://otratierriassite.wixsite.com/my-site?fbclid=IwAR2ntDDlyCOKK7wmrFs3AArfBFNdVV0G6LA7fDaIpNNXKA4qx5Gzm-bcz3M>. Acesso em 27 abr 2022.



suscintas para serem violentas como a discriminação a dissidência sexual. Se complexificamos com a pedagogia crítica de bell hooks, é para contribuir ao também os métodos pedagógicos aplicados pela oficina:

Conhecer e discutir as práticas artísticas criadas pelas mulheres latino-americanas entre os anos 70 e 2000 que denunciam as questões de gênero à luz das discussões e análises das atuais intelectuais feministas latino-americanas. Criar coletivamente propostas feministas artísticas contextualizadas no atual território temporal dos participantes, inspiradas nas estratégias estudadas. Nesta oficina teórico e prática, se mostra exemplos de obras de arte históricas que fornecem uma análise sintética de intelectuais feministas. Propõe-se exercícios criativos nos quais os participantes serão capazes de refletir sobre suas próprias realidades, experiências, desejos, lutas pessoais e coletivas para finalmente chegar a um material artista simples mas poderoso que possa ser compartilhado com o público no final da oficina (SEIJAS; PROAÑO, 2022).

Por isso, com Nirlyn Seijas e Melissa Proaño, a luta pela ocupação do espaço público é para se criar terreno mesmo de possibilidade de imaginar outros mundos. O ponto de vista descolonial é sobre o bem viver no pluriverso de mundos, não somente sobre mulheres, perguntando como posicionar os repertórios sensíveis que tecemos que nos permita a contar histórias, homenagear a herança do conhecimento e das lutas e colocar efetivamente na mesa o que está em jogo.

Relacionar-se com a memória é um exercício de descolonização, porque recontando a história do ponto de vista que se vincula ao corpo e aos afetos, constrói gestos contra hegemônicos que se vinculam corporeidade ao conhecimento a uma integralidade do que somos, provocando a nós mesmos uma modificação de palavras e de sentidos.

O ativismo como movimento é um neologismo que descreve essas práticas estratégicas situadas (local e globalmente). Não é uma linguagem específico ou não tem uma autoria, são obras de arte que reclamam e respondem reativando uma simultaneidade de ações, ver por exemplo, o *flashmoob* “Nenhuma a menos”.

Sabemos que bell hooks faz uma descrição da sistemática violência nos Estados Unidos, trazemos aqui que ela também está presente na América Latina, com autoras como Maria Lugones (2014). A masculinidade é dentro da divisão binária o mandato de autoridade patriarcal que legitima a prática de violências, dentre outras, especificamente, a de gênero.

Fizemos três ações nas ruas de Marselha. Em homenagem a artista Maria Evelia Marmolejo e o seu trabalho “11 de março: Ritual a menstruação” (1981), trabalho que ela fez representando o sangue menstrual em luto aos mortos pela guerra ao Narcotráfico como também a performance Anônima 3 (1982)<sup>5</sup>. Assim, nesta ambivalência entre sangue, de vida e de morte, se desenvolveu uma ação na esquina da Rua Tapis Vert, que não por acaso é um símbolo das mulheres de “rua” e, que neste caso, tinha um lambe-lambe renomeando a rua com o nome “Rua Camille Claudel”. Camille Claudel é uma das escultoras francesas mais invisibilizadas, por ser amante de Rodin e ter terminado sua vida num hospital psiquiátrico. Foi colado lambe-lambes com o poema de Pina. A homenagem se deu primeiro pela limpeza da esquina e a construção de um altar.

Figura 1: Performance Limpar e fazer um Altar.



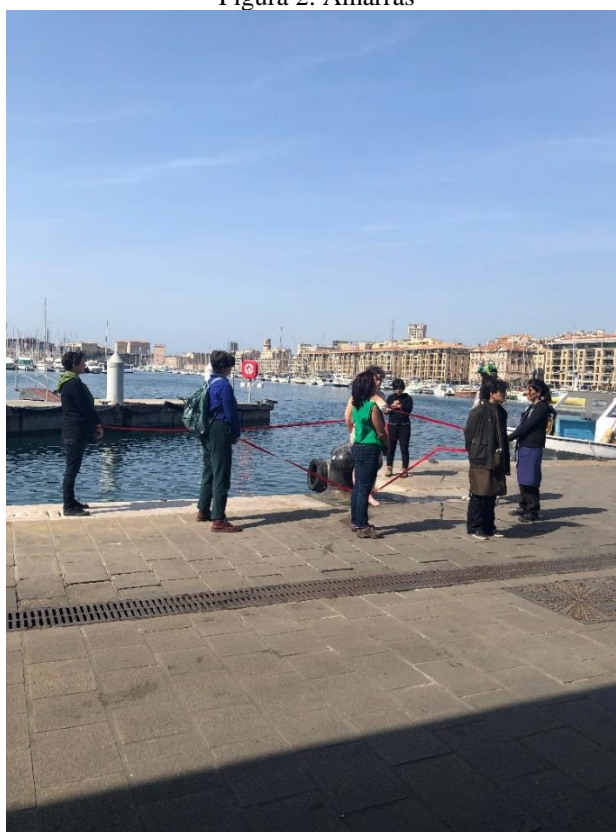
Fonte: Cécile Casen, Associação Crefada, França, 2022

<sup>5</sup> **Artexus 85**. El cuerpo político de María Evelia Marmolejo. Disponível em : <https://www.artnexus.com/es/magazines/article-magazine/5d64034190cc21cf7c0a342e/85/maria-evelia-marmolejo-s-political-body>; <https://hammer.ucla.edu/radical-women/art/art/11-de-marzo-ritual-a-la-menstruacion-digno-de-toda-mujer-como-antecedente-del-origen-de-la-vida-march-11-ritual-in-honor-of-menstruation-worthy-of-every-woman-as-a-precursor-to-the-origin-of-life> . Acesso em 27 abr 2022.



A segunda ação foi realizada no Vieux Port, lugar com muito trânsito, de turistas e moradores que vêm passear. Em homenagem a artista Ana Mendieta, no seu conjunto da obra e, especificamente seus trabalhos sobre a violência de gênero (1973), é considerada uma das artistas mais importantes da América Latina, por seu fulgor contra a violência e sua própria vida-e-obra que não se separam. A cena se desenvolveu a partir das amarras no corpo de Blandine, com uma composição cenográfica e coreográfica de amarrar uma a uma, uma fita vermelha. No seu momento de exaustão, ela sai e neste amarrar andamos juntas, formando uma espécie de teia de aranha, chamando a atenção do público pela dança que assim se forma.

Figura 2: Amarras



Fonte: Cécile Casen, Associação Crefada, França, 2022

Foi uma oficina que se criou um *élan* coletivo. Estávamos todas juntas, a dançar funk ou a compor um olhar na rua, digo pessoalmente, que pude aproveitar nos espaços o estar “a vontade” de dançar sem o medo do assédio, sem o medo, de todo. O quão é raro não ter medo de andar e dançar na rua?

A última ação foi inspirada do coletivo<sup>6</sup> Polvo de Gallina Negra na ação *Receta del Grupo Polvo de Gallina Negra para hacerle el mal de ojo a los violadores* (1984). Foi distribuída em manifestações pelos direitos das mulheres, sendo considerada uma das primeiras ações feministas no México. Os objetivos do coletivo eram : i) analisar a imagem da mulher na arte e nos meios de comunicação ; ii) estudar e promover a participação da mulher na arte; iii) criar uma perspectiva feminista e com olhares a transformar o mundo visual e assim alterar a realidade.

Assim criamos uma pesquisa publica perguntando aos transeuntes se eles poderiam ajudar a fazer um “menu” para a emancipação feminina ou combater a cultura do estupro. O exercício era feito por cozinheiras perguntando aos transeuntes quais ingredientes poderíamos incluir no menu em duas pistas: o combate efetivo à cultura do estupro; fortificar o cuidado e o gozo.

Figura 3: Menu para combater a cultura do estupro e/ou ativar o gozo feminino



Fonte: Cécile Casen, Associação Crefada, França, 2022

<sup>6</sup> Disponível em: <http://archivoarte.uclm.es/artistas/polvo-de-gallina-negra/>; <https://ideasfem.wordpress.com/textos/i/123/>; <https://pregunte.pintomiraya.com/index.php/la-obra/feminismo-y-formacion/item/12-polvo-de-gallina-negra>. Acesso em 27 abr 2022.





**3. Pequeno relato sobre as minhas educadoras da vida:** Dona Rita, professora de filosofia em escola pública, Dona Neuza psicóloga autodidata e Tia Socorro, dentista e minha madrinha

É a primeira vez que escrevo num contexto para uma revista acadêmica sobre a minha experiência vivida no que tange a educação que tive em casa. Falar da minha mãe, dona Rita, ou, *tia Rita*, para algumas gerações de moradores nos bairros da Praia do Futuro, Varjota e do Mucuripe, em Fortaleza, Ceará, é no mínimo difícil, porque tento conectar estas duas escritas, do íntimo e do teórico. Quando se trata de descrever com justeza e coerência, sendo que a dificuldade se insere no fato de que é a tua infância, o teu crescer nesse mundo e quem te educou. Não falo só da dona Rita que pariu, mas da que criou, formou a cabeça de jovens à margem da sociedade. Minha mãe sempre trabalhou em escola pública e que me lembre a vez que ela tentou trabalhar numa escola particular, não aceitaram porque ela era mãe solteira.

Tomando uma inspiração em bell hooks, que fala da sua família e, especialmente, da sua mãe (2021, p. 135-142), mantenho firme que esta parte do texto é nada além de uma homenagem, singela e que se afirma também como parte metodológica da pesquisa e da prática. Se sou o que sou, ou se afirmo que isto faz parte de um processo de descolonização, de tomada de consciência, estética, ética e sensível, é porque tive essa formação pedagógica dentro e fora de casa.

Como descrever o real do passado? Como descrever a uma memória que é ilha de edição e ao mesmo tempo fundamento do que acredito e por que acredito na educação? Como descrever o amor que aprendi na pedagogia, no ser professor, e no bem viver?

Minha mãe é uma figura, exagero no olhar de criança que nunca viu alguém trabalhar como ela, de manhã a noite. Ela é de uma geração de mulheres conquistando seus direitos como ser mãe solteira e ter um trabalho, é neste espaço que cresci. Relato então de memória que tenho é que cresci nas escolas que minha mãe trabalhava e, talvez, tudo isso aqui é um chute especulativo que mistura pensamentos íntimos a ideias gerais, mas a relação que a minha mãe nutre com seus alunos é de afeto, não impondo a hierarquia ou obediência, mas negociando, conversando e dialogando uma troca. “Tu me escutas porque eu sou mais velha, estou mais ligada do que tu na vida e eu vou te avaliar para saber se tu tá preparado para engolir sapo ou se emancipar dessa tua condição de inferiorizado”. Bem assim num papo reto

sem caô, olha e em casa era pior, no bom sentido, eu e meu irmão a gente brinca que é general, mas a verdade é que existe uma rotina técnica que a minha mãe faz severa por vezes e tranquila por outras, sem caô. Ao menos, eu acho que foi assim que dona Rita me criou, sabendo que o mundo é cão, mas ao mesmo tempo dando brecha e espaço para um cuidado de si, vaidoso, que goza da vida, que ama amar. A conscientização política envolve a consciência do racismo e sexismo ordinário, de memória da liberdade. E eu fui uma adolescente rebelde, admito. Dei (muito) trabalho.

Acho que isso ficou em mim dessa criação, lembre-se sempre que você é livre.

Eu falei que Dona Rita é campeã de natação? Que a relação com as águas é assim também um fator importante? Que a relação do corpo é direta e teimosa, obediente ao fim amoroso. Finalmente, é uma facção carinhosa, porque ô mulher para gostar de um evento, uma celebração, uma festa, uma missa, uma praia, um merol<sup>7</sup>, Dona Rita só não organiza casamento, mas todo o resto, batizado, velório, festa de despedida, de solteiro, de chá de revelação, chá de fralda, bingo para financiar o hospital de um papudinho<sup>8</sup>. E vai todo mundo, viu?

Se eu já senti a sensação de abandono porque ela tem muitos alunos? Com certeza. Mas ela sabe ser carinhosa e estabelecer os limites, ela sempre me ensinou que eu devia respeitar o espaço dela como Rita, não como mãe. Muitas vezes ouvi seus segredos como amiga. E sim, ela é um pouco tirânica, mas *voilà*, ninguém é perfeito. Ainda mais no Brasil que ela conheceu de ditadura militar e uns macho escroto. Ela sempre perdoa, e sim com os irmãos passa pano, mas quem é que consegue tá o tempo todo desconstruído? Ainda mais com família?

Sabe aquele *meme* anarquista? “Abaixo a toda autoridade, excepto mi mama!”, pois, é um pouco por aí. E mãe no lugar social da comunidade, que aqui é a expressão do cuidado – sim no Brasil explorado até o *talo*<sup>9</sup> nos trabalhos domésticos –, tem que ficar atento com o abuso que se faz e oxe, mamãe nunca deixou ninguém falar por ela. Quando eu era adolescente, ela me dizia: “só uma vez um cara me bateu, nunca mais!”. Cresci assim, *fogo*

<sup>7</sup> No vocabulário cearense, significa passar o dia na praia ou no rio.

<sup>8</sup> No vocabulário cearense, significa amigos de bar que são as vezes alcoólatras ou simplesmente vagabundos.

<sup>9</sup> No vocabulário cearense, significa qualquer coisa realmente profunda ou extremamente carregada.



*nos olhos contra os machistas*, e no fundo eu acho que ela soube me proteger das violências de gênero que quase toda criança dos anos noventa sofreu e soube me empoderar para saber me defender. No silêncio, só na demonstração olha como eu faço, faz tu sozinha. Aprendendo a voar sozinha não é fácil, mas quem diz que é, tá de charlatanismo. Saber fazer o teatro da vida e por isso convencer o drama, não é a mesma coisa que utilizar isso para enganar e extorquir energia (nem falo de dinheiro porque as vezes tem gente que precisa e rouba de quem é mais rico, estilo Robin Hood), mas se você tem condição material e ainda assim coloniza a energia do Outro, meu bem, você tá sendo sim um encosto colonial. Minha mãe me ensinou o silêncio pra essa gente, ela é tão teimosa que nem seu ego se presta a dar atenção, ela guilhotina o encosto colonial e enterra a cabeça.

Mas quem falava mesmo é a dona Neuza, minha avó. Psicóloga autodidata, cuidou de muita gente entre Parajuru e Fortaleza, levando gente doente para o hospital e sempre agilizando num estilo – devo admitir – retórico político daqueles que sabe convencer pelas palavras. Sim, dona Neuza me ensinou a falar e a saber o que se quer. Digo isso porque considero um pouco de herança saber usar a retórica e saber convencer as pessoas de suas ideias e isso, senhores e senhoras, minha avó me ensinou bem.

Sendo que ela me ensinou a falar dentro de uma ética. Quase impossível pensar num país como o Brasil, de uma corrupção colonial estrutural, que não tem vergonha de exibir a escravização, mas nem tanto, porque sabemos quantas e muitas existem Donas Neuzas, a minha que aprendeu a ler com sete anos e diz que seu livro preferido é Dom Quixote. Ela com a fantasia do pensamento, da imaginação conseguiu até se aposentar. Tá viva com noventa e quatro anos e todo domingo eu peço a benção, as vezes ela ainda negocia a benção pedindo para eu mostrar alguma coisa, a negociação dos poderes e dos conflitos inevitáveis de ser humano, que ela tanto me ensinou e que faz parte do ensino, do desejo e da coerência ética de saber o que se quer, você me responde à pergunta eu te dou uma *reação*, o saber se construindo pela troca entre os mais velhos e mais novos.

Bom resta saber que isso é o desenho que eu faço do que aprendi, quando eu sentada nos seus pés, ela catava piolho, ou quando ela me dizia: “o desejo é importante, nunca se esqueça de saber o que você quer, o que você quer da vida, saiba fazer suas escolhas”, muito antes de Deleuze eu já tinha Dona Neuza para me assegurar esse território especificamente

generoso do desejo. Um clássico da infância ela me dando gergelim para comer com pão e chupar cabeça de peixe para aumentar a memória.

Pode parecer besteira estas palavras que não dependem de um complexo sistema psicossocial, ou de citações acadêmico referenciadas, mas cresci ouvindo esses aprendizados *técnicos da vida*, sabendo que tua avó teve uma vida de fome. Saindo das estatísticas ela não se perdeu, nem ficou usando isso para conseguir as coisas. Ela trabalhou como lavadeira e agricultora, fazia farinhada (colheita da mandioca) e distribuía as grandes tapiocas (tipo num formato de pizza) a todo mundo que ajudava ela na vida administrativa, o rapaz do banco, a assistente do hospital, fulano que deu uns peixes, seu filho que dava camarão e peixe, o outro filho que dava receita médica e assim vai, uma negociação de poderes e um lugar público, quase soberana, com este círculo que um morador pode fazer no seu entorno, e se posso pensar longe, é de democracia direta que Dona Neuza ensinou. Muito antes do feminismo entrar na minha vida, eu já cresci com minha avó perguntando: quantos namoradinhos? Assim mesmo, no plural. Pode parecer besteira, mas no país dos feminicídios, essa simples pergunta pode ilustrar a liberdade a que devemos ainda lutar para que seja de todas e todes.

A pobreza nunca foi impedimento do desejo. É verdade que já conheci como classe média, minha família de professores, comerciantes e médicos. Sem esquecer, da minha prima médica Danielle, que fala alemão e é a ala feminista institucional da família, da minha tia madrinha Socorro que é dentista e já foi no projeto Rondon na Amazônia, ela é a ala ecofeminista da família, que decidiu morar perto de uma praia, me ensinou a cozinhar, a ser vaidosa, cuidar sempre do corpo e da pele, tem traços indígenas e um lado bem introspectivo, que não fala muito, eu só sei que ela tem uma carta autografada do Jorge Amado, que ela é fã e talvez ela escrevesse também.

No fundo toda esta escrita é um relato especulativo do retrato que tenho da minha família e porque as amo. Obrigada por terem me ensinado a viver e, nunca, mesmo eu sendo doída destrambelhada, me abandonarem. Por mais que nos digam que é mentira ou que é ficção, porque não é brancocêntrico, afirmo deste ponto de vista de quem aprendeu desde criança paradigmas anticoloniais, que não aceitam os encostos coloniais de individualismo e concorrência narcísica, repito as palavras de bell hooks (HOOKS, 2021, p. 142): “Daí minha



imensa gratidão a todos eles por sempre se comunicarem e realizarem comigo o trabalho de criar comunidade”.

## Conclusões

bell hooks desenha com lucidez o trânsito entre estes espaços, sabendo da história de violência como também da luta pelos direitos, sendo importante pelo seu reconhecimento no plano pedagógico, mas social e, tantas vezes repetido, afetuoso modelo.

Foi metodológico pelo aprendizado entre um rigor ético e ao mesmo tempo um relato afetivo. Deixando definitivamente esta academia que se pensa e se vê erroneamente neutra e universal. Com a coerência da pesquisa que cataloga os sistemas de opressão (como a exploração do Outro como objeto de desejo e no caso das mulheres negras e racializadas de exploração sexual), que escreve sobre a descolonização do pensamento e a abordagem histórica (de colonização) e assim também inclui a escrita ativista e de experiência vivida.

Este artigo trouxe estas abordagens para que possamos ter um apanhado político, estético, social e afetivo do legado de bell hooks. Terminamos por uma última citação de uma autora fundamental sobre o poder do erótico no político e vice-versa, Audre Lorde que fala:

Há muitos tipos de poder: os que são utilizáveis e os que não são, os reconhecidos e os desconhecidos. O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual, e firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança. No caso das mulheres, isso se traduziu na supressão do erótico como fonte de poder e informação em nossas vidas. Fomos ensinadas a desconfiar desse recurso, que foi caluniado, insultado e desvalorizado por pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder (LORDE, 2009, p. 1).

Finalmente, como provar que podemos sim estar em coletivo, quando estou escrevendo diante de um computador e distante do leitor e de seu contexto? Resta a poesia e os espelhos que declaram sensações e emoções. Resta a dança de envolvimento e assim de

esperança, de fé (diga-se política) e a concepção da vida que não separa a força vital da relação com o Outro. Outro, este conceito colocado de um ponto de vista não branco e não imperialista-patriarcal-capitalista.

O mais importante com bell hooks, ativismo e a experiência vivida é a possibilidade plena de ser/sentir o desejo erótico, para além da sexualidade, sendo *eros* de justiça ou de amor. No fundo acredito que todo este texto é também metodológico para dizer: “você não está só”. A saída é possível para criar uma rede de afeto, consciente de sua autonomia, de seus desafios, que existe um front e um espaço seguro, este último preparando para o primeiro.

### Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Bordelands: the new mestiza/La Frontera**. San Francisco: SPinters-Aunt Lute, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria. “**Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.**” In: Estudos Feministas. 2000, pp. 229-236.
- FANON, Frantz. **Pele Negra Mascaras Brancas**. Salvador : UFBA. 2008
- FAURSCHOU, Gail. “**Fashion and the cultural logic of postmodernity**”. Canadian Journal of Political and Social Theory/Revue canadienne de theorie politique et sociale. volume XI, Numbers 1-2 (1987).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1997
- GILMAN, Sander. “**Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature**”. *Critical Inquiry*, 12(1), 204–242. 1985. <http://www.jstor.org/stable/1343468>
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo : Martins Fontes. 2013
- hooks, bell. **Ensinando para a comunidade : uma pedagogia da esperança**. São Paulo : Editora Elefante. 2021
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor. Novas perspectivas**. São Paulo : Editora Elefante. 2021
- hooks, bell. **All about love. New perspectives**. New York : Routledge. 2000.
- hooks, bell. **Não sou eu uma mulher ? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos. 2014
- hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo : Editora Elefante. 2021
- hooks, bell. **Black looks: race and representation**. New York : Routledge. 2015



LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59. Tradução feita por Tatiana Nascimento dos Santos – Dezembro de 2009, retirada do [Zine “Textos escolhidos de Audre Lorde”](#). Disponível em : <https://peita.me/blogs/news/os-usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-por-audre-lorde>.

LUGONES, Maria. “**Rumo a um Feminismo Descolonial.**” En: Estudos Feministas. Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro. 2014.

MARMOLEJO, Maria Evelia. 11 de março : **Ritual a menstruação**. Performance. 1981.

MENDIETA, Ana. Performance sem título - **cena de violação**. 1973.

Polvo de Gallina Negra. Performance *Receta del Grupo Polvo de Gallina Negra para hacerle el mal de ojo a los violadores*. 1984.

SEIJAS CASTILLO, Nirlyn Karina. Reativações de mulheres que dançam contra o patriarcado. **Pensam. palavra obra** [online]. 2021, n.25, pp.160-181. 2022.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](#).

**Artigo recebido para publicação em:** 30 de abril de 2022.

**Artigo aprovado para publicação em:** 23 de junho de 2022.